

Instituto Socioambiental

fonte: ISTO É class.: 1550
 data: 24/5/95 pg.: 38-9

INVASÃO

Programa de índio

Funai gasta cerca de US\$ 1 milhão por ano para promover o turismo indígena em Brasília

ELIANE TRINDADE

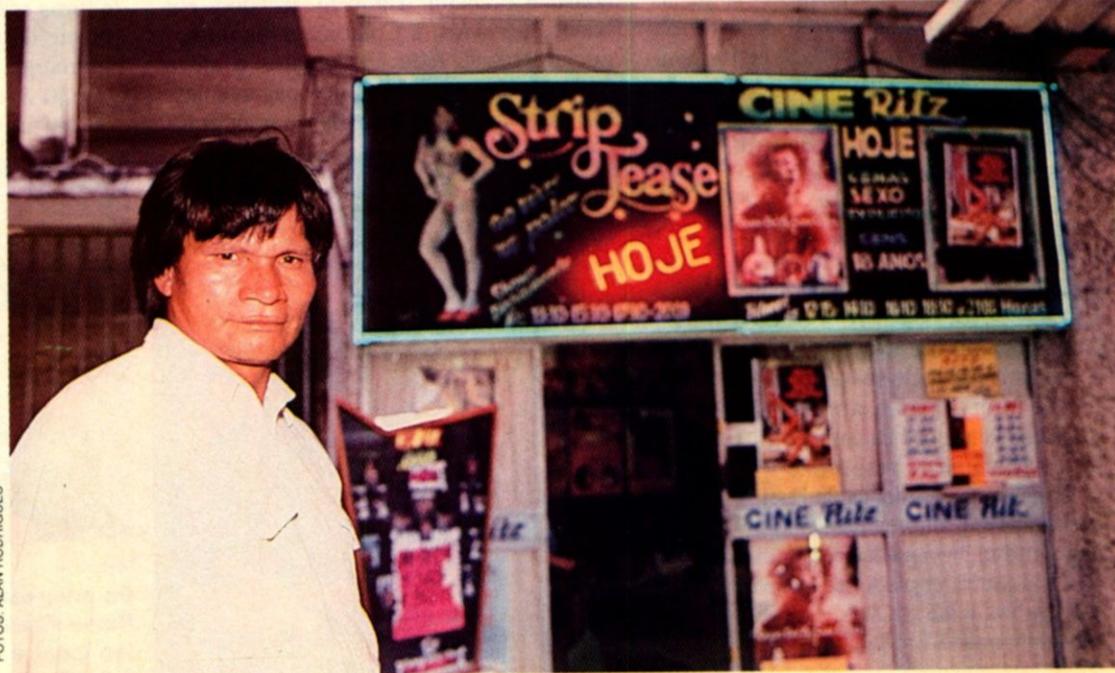
Visitar Brasília transformou-se literalmente em um tremendo programa de índio. Que o digam xavantes, guajajaras, kaiapós, fulni-ôs, carajás, pataxós, bororos e tuxas que transformaram a capital da República na meca do turismo silvícola do País. Diariamente, 120 índios, provenientes de praticamente todos os Estados, se hospedam na cidade para cumprir um roteiro que, para a grande maioria, é apenas de compras e lazer. Tudo patrocinado pela Funai. Perfeitamente à vontade nas asas e eixos de asfalto planejados por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, eles quase nunca perdem tempo com visitas a monumentos e cartões-postais de Brasília. Nas manhãs de sábado, por exemplo, a maior atração é a chamada "Feira do Paraguai", um gigantesco camelódromo de produtos contrabandeados de Ciudad del Este. Da mesma forma que milhares de caras-pálidas, os indígenas cederam definitivamente à tentação dos importados.

Comprar muamba é programa de cacique, guerreiro e curumim. "Brasília é muito cara", atesta Arako Ywalapiti, índio do Xingu. Ele arrecada dinheiro com a venda de artesanato da tribo e sonha com um toca-fitas de R\$ 35. "Não pude comprar dessa vez", lamentava, na quinta-feira 18, último dia do programa de um mês e meio, que além de Brasília incluiu o Rio e a Paraíba. Com os R\$ 200 que recebeu pelas peças de artesanato, Arako conseguiu comprar pequenos presentes para a família. "Vou levar roupa para criança, tênis, corte de pano e, se sobrar dinheiro, um rádio", enumera. No afã consumista, ele passou ao largo do Museu do Índio, estrategicamente situada entre a Funai e o camelódromo.

Depois das compras, os índios mais jovens, especialmente os xavantes, vão à caça. O território é delimitado - o Setor de Diversões Sul, um conjunto de edifícios onde proliferam infeminhos, cinemas pornô, prostitutas e travestis. Os índios são tão assíduos às sessões pornô do Cine Ritz que foram premiados com o direito à meia-entrada. Nem é preciso

"Eu nunca namorei nenhuma, porque meu pai não deixa", jura.

No outro extremo, estão os religiosos. Esses aproveitam a estadia na capital para visitar templos como o da Igreja Universal do Reino de Deus e Adventistas do 7º Dia. Antônio Twahura, índio carajá, sai duas vezes por ano da ilha do Bananal para vender artesanato em Brasília, mas quer se manter longe das tentações da carne e do consumo. Crente, o artesão de 48 anos faz questão de frequentar todos os cultos da Igreja Adventista do 7º Dia, no Plano Piloto. Ele é representante da congregação na aldeia desde que a Funai proibiu a presença de missionários na tribo. "Não saio com mulher nem fico vendo televisão. Prefiro ler a Bíblia", afirma. Depois de uma semana em Brasília, o carajá voltou para casa renovado espiritualmente



FOTOS: ALAN RODRIGUES

Samuel Xavante, o índio que passa as tardes no cine pornô: "Mulher branca é boa"

carteirinha. Basta avisar com antecedência que um grupo vai aparecer que a bilheteira reserva a meia-entrada. "Já frequentei muito", conta Samuel Xavante, 32 anos, da tribo São Marcos (MT). "Mulher branca é boa." Há duas semanas, o espetáculo é o mesmo. Por R\$ 2,50, os índios podem ver dois filmes - *Meus bichos, meus amantes* e *Uma virgem em busca do prazer*. Segundo a bilheteira, os índios costumam entrar na matinê e só deixam o cinema após a última sessão. O momento mais esperado é o do strip-tease, no intervalo entre um filme e outro. "Em Brasília tem muita mulher bonita, principalmente loura", avalia João Bosco, um xavante de 32 anos.

e com pequenos presentes para os filhos, comprados com o dinheiro apurado na venda de artesanato na Torre de TV, lugar bastante frequentado por turistas tradicionais.

Como se quisessem matar saudades da selva, os índios também transformaram o Jardim Zoológico numa atração à parte. O lugar se tornou o ponto habitual das tardes de domingo. Líder respeitado mundialmente, Raoni vem a Brasília a cada dois meses, acompanhando a mulher, Beikoiká, que está em tratamento médico. Eles chegaram há dez dias e ainda não sabem quando irão pegar o avião de volta para a aldeia no Xingu. De segunda a sexta-feira, o cacique faz um roteiro institucional

Instituto Socioambiental

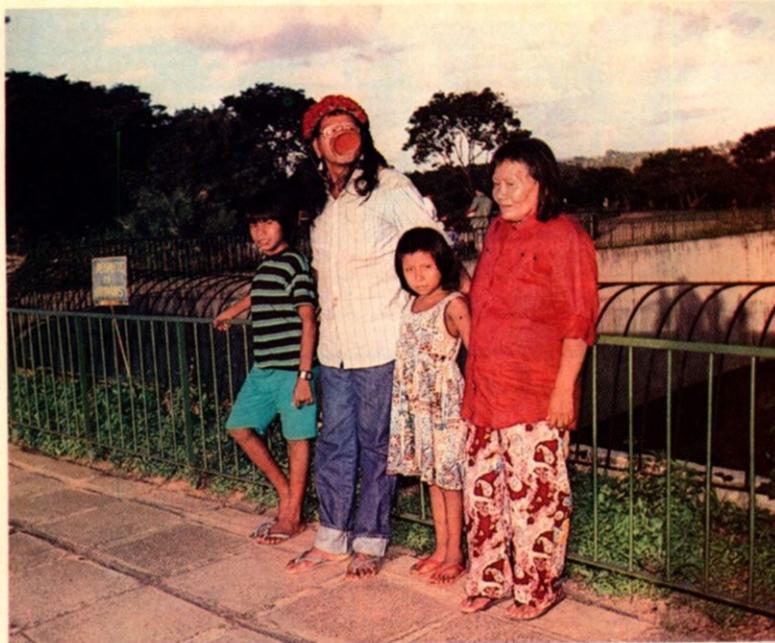
fonte: _____ class.: 1550

data: _____ pg.: _____

– sede da Funai e ministérios – e hospitalar. No final de semana, a família Raoni sempre encontra tempo para ir ao zoológico. Aos 65 anos, o cacique, amigo do roqueiro Sting, embrenha-se na selva artificial como qualquer criança. “Bom mesmo é ver animal solto, mas gosto muito de zoológico”, diz.

De tênis, boné e rabo-de-cavalo, o jovem xavante Gregório Abhoodi, 19 anos, passa longe de bichos e de políticos quando está em Brasília. Vivendo fora da aldeia há 14 anos – mora com o pai, funcionário da Funai, em Barra do Garças (MT) –, tem tudo para ingressar em uma tribo bem urbana: a dos “mauricinhos”. Aproveitando-se de uma greve na escola, está em Brasília para quitar antigos débitos paternos, fazer compras e se divertir. Viajou em um ônibus semileito da Viação Xavante, com tevê e frigobar, com tudo pago pela Funai. Estudante do terceiro ano do segundo grau, Gregório adora dance music e McDonald’s. “Sou um jovem comum. Gosto mesmo é de farrear”, admite. Na hora de fazer compras, opta pelos shopping centers e pelas griffes. Reclamar dos preços não faz parte de seu vocabulário. “Falando direitinho, conseguimos sempre um desconto”, esnoba. Pagou R\$ 38 por um jeans de sua marca predileta, a sofisticada Iodice.

Todo este pacote de turismo indígena é financiado com dinheiro público. A Funai vai gastar esse ano no mínimo US\$ 1 milhão para abrigar os 250 índios que passam por mês em Brasília. Só com hospedagem e alimentação as despesas estão previstas em R\$ 639 mil. As passagens devem consumir outros R\$ 120 mil. A “Funaitur” funciona no terceiro andar do prédio da Funai em Brasília, onde índio faz fila para pegar autorização de permanência na cidade. A diária das três pensões conveniadas custa R\$ 16. Além de casa e comida, os visitantes ganham na chegada um kit, com sabonete, creme dental e sabão. As mulheres recebem tam-



Raoni e família: visita ao zôo (acima). Os líderes krahô (abaixo): “A Funai é do índio?”

bém absorventes. Enquanto a farra continua, José Guilherme Montenegro, espécie de gerente da “Funaitur”, sugere a inclusão de preservativos no kit-índio. Em tese, o dinheiro gasto com os programas de índios, deveria ser usado para suprir carências básicas das aldeias ou para assistir os índios doentes – um contingente inferior a 20% dos que viajam a Brasília. “Muitos estão vindo para comer e passear. Os mais espertos inventam doença. Não há como controlar”, relata Montenegro, que passa o dia inteiro providenciando pensão, passagem, dinheiro e carro para índio em trânsito. “Perdeu-se o controle”, admite um dirigente da Funai. No ano passado, 2.968 índios estiveram em Brasília. “Para

cada enfermo tem-se uma média de seis acompanhantes”, contabiliza Montenegro. Atualmente, apenas 23 dos 120 que estão hospedados na cidade se encontram em tratamento médico-hospitalar. “Enquanto a Funai analisa, verifica e não resolve nada, eu viajo”, diz o pornocinéfico Samuel Xavante.

A desorganização da Funai beneficia os índios que gostam de mulher branca e adoram quinquilharias do Paraguai. O problema é que ainda existem índios sérios. Na noite da quarta-feira 17, depois de mais de 30 horas de viagem, a líder indígena Nomira Krahô desembarcou na rodoferroviária de Brasília pronta para a luta. Logo cedo, na manhã seguinte, começou a peregrinação pelos gabinetes da Fundação Nacional do Índio. O cansaço físico pela longa viagem desde a aldeia próxima a Itacajá, em Tocantins, é deixado de lado quando a índia de 50 anos fala dos problemas do seu povo: “Só venho aqui porque a Funai nos abandonou. Lá na região não tem mais nenhum funcionário.” Acompanhada do pai, da filha e de uma espécie de vice-cacique da aldeia, é Nomira a interlocutora. Com voz firme, ela narra as dificuldades do seu povo. “Índio quer respeito, não pode morrer no mato sem médico e sem escola”, inflama-se. Isolados na pequena aldeia de 250 pessoas, os krahôs abriram fogo contra o fechamento do posto da Funai na região. Nomira só voltará para casa depois de ter uma audiência com o presidente do órgão, Dinarte Nobre de Madeira. Ela quer saber onde estão os 3,8 mil funcionários da fundação. Os krahôs são das poucas tribos que só vão a Brasília para tratar de trabalho. A última vez que um representante da tribo pisou na capital foi há dois anos. No lugar de índios na Funai, os krahôs querem ver a Funai nas aldeias. “A Funai não é do índio?”, indaga Nomira. ■